

Jazz

17 Setembro 2010

Programador:

Manuel Jorge Veloso

Nelson Cascais

Guruka

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Contrabaixo Nelson Cascais
Saxofones Pedro Moreira
Guitarra André Fernandes
Piano, Fender Rhodes João Paulo
Bateria Iago Fernandez
Artista convidada Rita Maria (voz)

Sex 17 de Setembro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M12

Jazz português: o passado e o presente

Quem, como este escriba, acompanha o fenómeno do jazz em Portugal desde meados dos anos 50 até hoje, não pode deixar de reconhecer as enormes transformações e a notável evolução que o jazz português vem conhecendo, em particular nos últimos 30 anos.

Desde os tempos pioneiros em que minguavam instrumentistas de sopro para formar mais do que um quinteto (!) e em que era absoluta a dificuldade de organizar uma *big band* dedicada ao jazz – que não fosse por inteiro constituída por músicos que desempenhavam primordialmente a sua profissão na área da música comercial e de entretenimento e apenas frequentavam o jazz por pura curiosidade, carolice ou paixão –, o caminho percorrido neste domínio musical foi recheado de dificuldades objectivas e subjectivas, a menor das quais não foi o cinzentismo e obscurantismo que então afastavam uma sociedade fechada e reprimida, como a portuguesa, da vivência cultural e da criação artística dos grandes centros europeus e mundiais.

A explosão cultural que acompanhou as radicais transformações de Abril e as liberdades de escolha e multiplicidade de opções artísticas que se lhe seguiram ao longo dos anos, a par do paulatino mas exponencial aumento de escolas, educandos e praticantes de música um pouco por todo o país, veio sem dúvida criar um estado de evolução que (mesmo recheado de fortes lacunas, assimetrias e limitações) não podia deixar de se reflectir em

todos os domínios musicais, quer no que diz respeito à formação de músicos profissionais quer na criação de públicos e amadores de música porventura mais esclarecidos e sobretudo capazes de gostos transversais, porque menos circunscritos a hábitos de audição que excluíam a abertura a outras músicas.

Por outro lado, e em concreto no domínio do jazz, a manutenção do papel pioneiro de estabelecimentos de ensino como a Escola de Jazz Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal e a Escola de Jazz do Porto ou a criação de departamentos de jazz na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (Porto) ou mais recentemente na Escola Superior de Música (Lisboa), bem como o surgimento de escolas ou cursos de jazz em várias cidades (mesmo no interior do país), vieram alargar, sustentar e actualizar a formação musical de base e especializada e as possibilidades de recrutamento de jovens músicos.

Multiplicaram-se as pequenas formações de jazz, surgiram novos solistas e compositores apetrechados e competentes, é já hoje possível manter em actividade regular ou mesmo permanente duas ou três grandes orquestras em moldes profissionais e ainda algumas amadoras. E anuncia-se, neste preciso momento, a abertura de candidaturas para a formação em Lisboa de uma Big Band Júnior: na realidade, uma orquestra-escola de jazz para jovens entre os 12 e os 15 anos!

Estes desenvolvimentos internos proporcionaram, entretanto, uma abertura ao mundo, alargaram a possibilidade de protocolos para estágios, licenciaturas e até doutoramentos em escolas e universidades estrangeiras, particularmente

nos EUA, criaram-se vasos comunicantes entre instituições, estudantes e músicos e já não é hoje surpresa que instrumentistas portugueses toquem em clubes ou salas de concerto de Nova Iorque ou que músicos europeus e norte-americanos integrem formações portuguesas ou com elas participem em gravações discográficas ou actuações públicas.

É assim natural que, na continuação de uma saudável prática mantida na programação musical da Culturgest, também a temporada de jazz deste ano reflita a cena do jazz português e três gerações distintas que a alimentam e enriquecem: primeiro com a presença do quinteto do saxofonista Carlos Martins (em Fevereiro passado) e agora com a actuação do quinteto do contrabaixista Nelson Cascais.

O recuo de dez anos que nos separa do final do século XX permite-nos já afirmar que a primeira década de XXI veio confirmar a maturidade e até uma certa identidade do jazz português, com a afirmação pública, enquanto instrumentistas e compositores com capacidade de liderança, de um punhado de músicos de jazz que haviam dado os seus primeiros passos em finais dos anos 90.

Pode dizer-se que o quinteto de Nelson Cascais é bem representativo desta nova realidade, integrando como que simbolicamente quatro dos mais representativos músicos de jazz das décadas de 80/90 e da primeira década de 2000, uma revelação recentíssima do canto feminino e ainda um talentoso baterista do país vizinho. Noutro local desta folha de sala é dada notícia dos percursos e carreiras de todos estes músicos. Aqui cabe-nos antecipar, na medida do possível (já que está em

causa o jazz, música inquieta e alvorçada por excelência), aquilo que porventura se irá ouvir em palco.

Nelson Cascais é hoje um dos músicos mais admirados na cena do jazz português actual, não apenas como instrumentista bastante solicitado para formações instrumentais de diverso tipo, estéticas díspares e lideranças também diferenciadas; mas ainda como compositor de primeira ordem e de grande maturidade conceptual. Tendo publicado no ano passado o seu terceiro álbum em nome próprio - *Guruka* - que cronologicamente se segue a outros dois primeiros prometedores *opus* discográficos - *Cíclope* (2002) e *Nine Stories* (2005), todos eles editados na independente Tone of a Pitch - Cascais afirmou-se, definitivamente, como um *autor* com singular personalidade, recusando os hábitos preguiçosos e as familiaridades fáceis de um jazz repisando velhos esquemas *tema-variações-tema* (como os da forma-canção tradicional e outros), procurando que a vertente da composição fosse cuidadosamente desenvolvida, algumas vezes repartida por várias secções ou alimentada por diferentes ideias temáticas com identidade instrumental própria, jamais coarctando e antes estimulando o contributo e as intervenções criativas individuais dos restantes componentes (e notáveis solistas) que compõem o seu quinteto.

Sendo natural que o repertório deste concerto se baseie em algumas das melhores peças que fizeram de *Guruka* um dos mais festejados álbuns de jazz portugueses do ano passado, é também provável que, passado este tempo, algumas novas peças sejam agora apresentadas em palco por Nelson Cascais

ou até arranjos reformulados possam tirar partido da revelação de uma nova cantora convidada, até porque não é contraditório com o que atrás se disse afirmar-se que certas peças da sua lavra nos soam como “canções sem palavras”, como que à espera de uma voz que se lhes junte.

Do repertório composto pelo contrabaixista, núcleo central deste álbum, parecem-me de salientar *1984*, “moldada por um certo recorte *shortereano*”; ou *Guruka*, “exposta de forma delicada e subtil em uníssono de guitarra e flauta e nascida da sucessão de frases ascendentes e descendentes”; ou *O Centro do Mundo*, peça caracterizada “na sua componente rítmica pela ambivalência ternária e quaternária e pelo frequente uso do *rubato* mas recusando a burocrática sequência de improvisações, antes seccionando-as pelas referências recorrentes ao tema principal (...)”.

Importa, entretanto, sublinhar que Nelson Cascais não deixou de incorporar o talento (também composicional) dos músicos que dão corpo ao já referido *Guruka*. Permitindo-me continuar a citar algumas passagens das *liner notes* que tive o gosto de escrever para o disco, é assim que “um certo tom incantatório que parece evocar o lado *espiritual* de Coltrane caracteriza a meu ver o ambiente de *PC*, emocionante original de Pedro Moreira, todo ele tocado em *rubato*”; ou que, em contraste, *Rado Beat*, de André Fernandes, jogue “com a dialéctica confluência entre um padrão rítmico fortemente marcado e a pastosa deambulação (à superfície) de uma linha temática com o nítido cunho do guitarrista (...)”. E embora não haja, neste disco, nenhum original de João Paulo,

sem dúvida que a lógica composicional e arrebatada do seu modo de improvisar é também um contributo estimulante para a excelência do disco e, por certo, do concerto de hoje.

Um concerto que faz o escriba sorrir com alguma emoção, ao olhar para o passado já distante e ao antever o futuro que está mesmo aí à frente.

Manuel Jorge Veloso
blog *O Sítio do Jazz*

Nelson Cascais

contrabaixo

Nasceu em Lisboa em 1973. Estudou na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal e no Conservatório Nacional de Lisboa. Em 1994, como finalista do curso de jazz do HCP, representou Portugal no *meeting* anual da IASJ (Associação Internacional de Escolas de Jazz), em Nova Iorque.

Em 1995 inicia uma activa carreira como *sideman*, o que lhe permitiu preencher a sua agenda com colaborações em estúdio e actuações ao vivo, em Portugal e no estrangeiro, com algumas das mais importantes figuras do jazz nacional e internacional como Rick Margitza, Nuno Ferreira, Jorge Reis, Jerome Richardson, Benny Lackner, Perico Sambeat, Bernardo Sassetti, Maria João, Stefano D'Anna, Llibert Fortuny, Laurent Filipe, Ivan Paduart, Antonio Faraó, John Ellis, Aaron Goldberg, Markku Ounaskari, Kari Ikonen, Jorge Pardo, Jarmo Savolainen, Stefano D'Anna, Maria Schneider, Carlos Martins, Mário Laginha, entre outros.

Em 2002 é nomeado Músico de Jazz do Ano pelo site www.jazzportugal.net.

Actualmente integra o Quarteto de André Fernandes, Jesus Santandreu Quartet, Abe Rabade Trio & Septeto, Paulo Bandeira Quarteto, João Lencastre Group, Pedro Moreira Quinteto. Colabora ainda com Maria João no seu projecto *João*.

Desde 1999 que lidera o seu próprio grupo com o qual gravou os CDs *Ciclope*, *Nine Stories* e mais recentemente *Guruka*.

www.nelsoncascais.net

www.myspace.com/nelsoncascais

Discografia (seleccionada)

Nelson Cascais *Guruka*, Toap 2009
Nelson Cascais *Nine Stories*, Toap 2005
Nelson Cascais *Ciclope*, Toap 2002
André Fernandes *Imaginário*, Toap 2009
Jeffery Davis *Haunted Gardens*, Toap 2009
Jesus Santandreu *Sound Colors*, Fresh Sound 2008
Carlos Martins *Água*, Iplay 2008
Abe Rabade Septet *Open Doors*, Karonte Records 2008
Abe Rabade *Rosalía 21*, 2008
André Fernandes *Cubo*, Toap 2007
André Fernandes *Timbuktu*, Toap 2006
Carlos Martins e Orquestra *Do outro lado*, Som Livre 2006
Sara Valente *Blue in Green*, 2006
Toap Collective *Vol. 1*, Toap 2006
Laurent Filipe *Ode to Chet*, Som Livre 2006
Bruno Santos *Wrong Way*, Toap 2005
Joana Machado *Idiosincrasias*, 2005
Pedro Madaleno *Sound of places*, Clean Feed 2004
Laurent Filipe *A Luz*, Clean Feed 2004
Jorge Reis *Pueblos*, Toap 2003
Nuno Ferreira & Companhia Dos Sons *Spin*, Toap 2002
Isaac Turienzo *Con Angel*, 1999

Pedro Moreira

saxofone tenor

Nasceu em Lisboa em 1969. Entre 1985 e 1992 estuda, em vários *workshops*, com Dave Liebman, Paul Jeffrey e Bill Pierce. Completa os cursos de Formação Musical e Acústica do Conservatório Nacional de Lisboa em 1994.

Em 1996 muda-se para Nova Iorque

onde estuda Composição, Contraponto e Orquestração com Henry Martin e Robert Sadin, Arranjos e Composição Jazz com Bill Kirchner, Saxofone com Vincent Herring e Steve Wilson no Mannes College of Music da New School for Social Research. Completa o BFA em Jazz e Música Contemporânea em Maio de 1998.

Actua com o grupo Moreiras desde 1985 em festivais nacionais bem como em Barcelona, Madrid, Paris, Moçambique, África do Sul, Costa do Marfim, assim como no festival de jazz de Carolina do Norte (EUA).

Participou também em digressões nacionais com Freddie Hubbard, Benny Golson, Greg Bandy e Eddie Hendersen.

Em Nova Iorque actuou com o quinteto de Joe Chambers e a Orquestra de Bobby Short, entre outros.

Em 1998 tem uma encomenda do Jazz Composers Collective de Nova Iorque.

Também em 1998 recebeu o Down Beat Student Award for Outstanding Performance e Best Jazz Group. Obteve o Mestrado em Composição Clássica no Mannes College of Music de Nova Iorque.

Foi assistente musical no último CD de Herbie Hancock *Gershwin's World* editado pela Verve e vencedor de 3 Grammy's.

É Director Pedagógico da Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal.

www.pedromoreira.info

André Fernandes

guitarra

Nasceu em Lisboa. Completou os seus estudos na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal e em 1996 recebeu uma bolsa da conceituada Berklee College of Music, em Boston, EUA, que frequentou até se mudar para Nova Iorque. Recebeu o Stephen Holland Award for Outstanding Musicianship. Entre as suas colaborações destacam-se Mário Laginha, Lee Konitz, Chris Cheek, Cyro Baptista, Perico Sambeat, Maria João, David Binney, Julian Argüelles, Eli Degibri, Bill McHenry, Pedro Moreira, Pete Rende, John Hollenbeck e Theo Bleckman, Alexi Tuomarila Quartet, Bernardo Moreira, Jorge Reis, Carlos Barreto, Akiko Pavolka, Jarmo Savolainen, Furio di Castri, Phil Markowitz e João Paulo Esteves da Silva, entre outros. Toca regularmente nos principais festivais e salas europeias como membro do Lee Konitz New Nonet, Maria João e outros grupos. Em 2001 gravou o seu primeiro CD como líder intitulado *O Osso*, editado pela sua própria editora Tone of a Pitch, ao qual se seguiram até hoje mais quatro trabalhos: *Howler*, *Timbuktu*, *Cubo*, e *Amplitude* com o grupo *Spill*.

Colabora regularmente com a Orquestra de Jazz de Matosinhos com quem grava o projecto *Portology* no qual foi solista principal o histórico saxofonista Lee Konitz e é convidado para integrar o New Nonet deste, em digressões por toda a Europa, em 2006 e 2007. Com Konitz e a OJM actua ainda no Carnegie Hall em Nova Iorque.

O seu quarteto actual inclui o pianista

Mário Laginha, o contrabaixista Nelson Cascais e o baterista Alexandre Frazão.
www.myspace.com/andrefernandes
www.andrefernandes.com

João Paulo Esteves da Silva

piano

Nasceu em Lisboa, em 1961, de uma família de músicos.

Tendo começado a tocar piano com quatro anos de idade, João Paulo estudou música na Academia de Santa Cecília, no Conservatório Nacional de Lisboa e, a partir de 1984, em Paris, como bolseiro do Governo Português.

Exímio instrumentista (entre os seus diplomas contam-se o Curso Superior de Piano com 20 valores, Prix Jacques Dupont, Prix d'Excellence e o Prix de Perfectionnement, obtidos no Conservatório Nacional e em Paris), a sua actividade reparte-se por vários géneros musicais, do jazz à música popular portuguesa, à clássica e ao fado.

Sendo considerado um músico de jazz, linguagem onde se exprime à vontade, o ecletismo é uma das suas reconhecidas virtudes, sendo amiúde solicitado para interpretar, compor ou orquestrar trabalhos de músicos dos mais variados domínios musicais.

Sérgio Godinho, Vitorino, José Mário Branco, Fausto, Filipa Pais, Tomás Pimentel, Mário Laginha, Maria João, Pedro Caldeira Cabral, Ana Paula Oliveira, Carlos Martins, André Fernandes e Carlos Barretto, são alguns dos músicos que solicitam os seus préstimos, sendo de referir, de entre as suas colaborações recentes, as orquestrações

e acompanhamento no CD de Maria Ana Bobone, *Srª da Lapa*, os arranjos da peça interpretada por Maria João Pires no trabalho de Mísia ou ainda a sua presença em *Sempre* de Carlos Martins, para além dos álbuns a solo *Memórias de Quem* (Clean Feed) e *White Works* (EmArcy/Universal).

No plano internacional, não menos importante, vêm sendo as solicitações de nomes como John Stubblefield, Graham Haynes, Hamid Drake, Frank Colon, Claudio Puntin, Stephen Schon, Michael Riessler e ainda Peter Epstein, saxofonista com quem tem grandes afinidades musicais.

www.oncproducoes.com/bios/joao_paulo.html

Iago Fernandez

bateria

Iniciou os estudos musicais no Conservatório Profissional de Música de Cangas.

Entre 2002 e 2006 frequenta o Seminário Permanente de Jazz de Pontevedra com os professores Abe Rabade e Paco Charlín.

Entre 2003 e 2006 participa em *masterclasses* com Miguel Zenón, Perico Sambeat, Donald Edwards, Jonathan Kreisberg, Jaleel Shaw, John O'Gallagher, Jeff Williams, Brannen Temple, Aruán Ortiz, Javier Vercher, Raynald Colom, Bob Sands, Jesús Santandreu, Pablo Martín, Marc Aíza, Guim García, Ramón Cardo, Dani Pérez, Víctor de Diego, Bruno Pedroso, Carlos Barreto, João Moreira, Mário Barreiros, Filipe Melo, André Sousa Machado, Ramón Ángel Rey, Santi Quintáns.

É um dos mais requisitados jovens bateristas da Península Ibérica tendo já gravado com Jesus Santandreu, Nelson Cascais e Xan Campos, entre outros.

Rita Maria

voz

Nasceu em Lisboa 1984 e inicia os seus estudos musicais aos oito anos nas disciplinas de solfejo, piano e mais tarde violino. Estudou também violino e ainda canto lírico no Conservatório Nacional de Lisboa, e improvisação e voz na Escola de Jazz do Barreiro. Frequentou o curso de jazz/canto na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto (ESMAE). Em 2006, como aluna bolseira, entrou no Berklee College of Music em Boston, onde estudou dois anos canto e improvisação com músicos de renome como Joey Blake, Rhiannon, Steve Santoro, Carolyn Leonhart-Escoffrey, Maggie Scott, Hal Crook, Ed Tomassi, Dave Santoro e Mitch Haupers, entre outros.

Actualmente está sediada em Lisboa. Estás prestes a sair o seu primeiro álbum, uma colaboração com o guitarrista alemão Elias Master, sediado em Nova Iorque.

Trabalhou, entre muitos outros, com músicos como Zé Eduardo, Nuno Ferreira, Jorge Moniz, João Custódio, João Rijo, João Freitas, Elias Meister, Ziv Ravitz, Ben Kraef, Pedro Gens, Mario Cerra, Dylan Coleman-Tunstall, Andrew Erickson, Mário Franco, Anna Hofmann, Moriaki Nori, Yuki Ito, Nelson Cascais, Paula Sousa.

Le Grand C pela Compagnie XY

Novo Circo Qua 22 a Sáb 25 Setembro
Grande Auditório · 21h30 (dias 22, 23
e 24), 17h00 (dia 25) · Dur. 1h30 · M12



“Encontrámo-nos, por iniciativa dos mais velhos, para fazer uma parte do caminho em conjunto. A ideia era misturar as gerações e falar da nossa regressão, com as palavras que nos restam, com o que nos fala: A lei do “Flectir/Saltar”, a necessidade de nos lançarmos para o ar e de nunca mais tornar a baixar. Elevar-se às alturas quando tudo se desmorona. Talvez isto não sirva para nada, mas é assim que existimos, é assim que resistimos. O prazer de estar juntos, não representar, para melhor sugerir, deixar que o trabalho transpire, o trabalho e mais uma vez o trabalho... É o nosso húmus, o nosso cimento, é graças a ele que passámos de uma soma de indivíduos a um grande colectivo”. Perturbando o princípio do duo e invertendo a relação homem/mulher recorrente nas forças combinadas, os 18 intérpretes exploram novas vias nos estados dos corpos, na técnica do circo e, sobretudo, naquilo de que são capazes de contar a um público. Revela-se assim, em pouco mais de uma

hora, um universo em três dimensões, simultaneamente sublime, desmesurado e marcado por uma alegre humanidade. Uma micro sociedade com os seus códigos e os seus ritos surpreendentes que vos revelarão, se prestarem atenção, personalidades tocantes, poderosas, sensuais, divertidas e poéticas. Tão longe e tão próximas de nós.

“Um espectáculo de cortar a respiração. Um ballet acrobático fora de comum e de uma grande suavidade” que tem maravilhado público e crítica por todo o lado onde tem passado.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Marta Ribeiro estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
